



Poesia, pensamento e política em três autores contemporâneos

Vera Lins*

“O poema é dúvida, febre, cerco”.

Leonardo Fróes

A poesia é um lugar de pensamento, reflexão, marcado pela intranquilidade, sem respostas últimas, definitivas. Por isso instabiliza as certezas do senso comum, revira-as de ponta-cabeça e permite pensar, imaginar outras possibilidades de real. O que responderia à questão de Hölderlin, “Wozu Dichter in dürftiger Zeit?”, “Para que poetas em tempos de crise?”, ou, na tradução de Prigent (2017), “Para que poetas ainda?”

Vendo a poesia assim, no avesso do senso comum, lemos três poetas contemporâneos que estão dando continuidade a seus livros: Tarso de Melo, Carlos Ávila e Taís Guimarães.

Prigent chama de modernos “aqueles que no mundo do consumo e do espetáculo não teriam mais lugar” (2017, 13). E diz que hoje, mais do que nunca, os livros são intimados a nos tranquilizar sobre o mundo, isto é, preenchê-lo de significações imediatamente consumíveis. Assim, existe pouco espaço para a poesia, entendida como torsão da linguagem, em contraposição aos significados do senso comum.

* Professora titular de Literatura Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Mas esses poetas continuam a escavar. Suas mais recentes publicações me chegaram. De Carlos Ávila, *Área de risco* (2012) e *Anexo de ecos* (2017); de Tarso de Melo, *Íntimo desabrigo* (2012) e *Caderno inquieto* (2017); e, de Taís Guimarães, *Jogo de facas* (2016).

Prigent diz que, enquanto houver isso, ao menos isso (ou seja, enquanto houver falante humano, humano inquieto), haverá uma exigência de poesia (2017, 16). Essa é a proposta do trabalho com a língua que vemos no livro *Anexo de ecos*, de Carlos Ávila, que abre com a proposta em epígrafe:

nó
na tripa
do texto

E continua no poema assim disposto na página:

dispersão de signos selva selvagem
convulsão final merda e melancolia

Aqui a própria dispersão gráfica perturba, inquieta a leitura, o que já havia em *Área de risco*, mas em poemas mais longos, que também se negavam ao estender-se. Provoca-se a tensão e a torsão dos sentidos habituais:

adentrar
(à força)
uma área
de risco

sem sinal

ou aviso

linhas

de tensão

retorcem

o verbo

em clima

adverso

(2012, 76)

Valéry, no ensaio “Poesia e pensamento abstrato” (1999), vai contra a ideia de poesia como “graça”, afirmando sua força de pensamento no trabalho do poeta com a língua, contra a linguagem da comunicação. Usa a imagem de uma prancha, que pressupõe a passagem rápida como a palavra numa frase comum. Mas se nos detemos ou dançamos sobre ela, a ponte frágil oscila e se rompe e tudo se vai nas profundezas. Aproxima o universo poético do universo musical, embora vendo as diferenças. A poesia se faz com a mesma língua do uso comum, mas é um trabalho inteligente, um ato do pensamento não de todo consciente, em que sensibilidade e intelecto agem simultaneamente. E compara a poesia à dança, que é a descoberta de uma utilidade de segunda ordem para os membros que se mobilizam no andar, criando uma variedade de configurações. Como na dança, a poesia utiliza os mesmos sons, as mesmas palavras, mas com os movimentos, fora da ordem prática do andar, diferentemente mobilizados: “Prosa e poesia servem-se das mesmas palavras, da mesma sintaxe, das mesmas formas e dos mesmos sons ou timbres, mas diferentemente coordenados e excitados” (p. 212). E continua usando a imagem do pêndulo, que vai do som ao sentido, oscilando entre a voz e

o pensamento como fórmula mágica; o significado produzido reclama a forma musical comunicada. O trabalho do poeta é inteligente, um ato de pensamento, diferente do que se costuma chamar de inspiração. O poeta é, para ele, um arquiteto de poemas. E todo poeta verdadeiro é um crítico de primeira ordem.

A força da poesia está nessa subversão da palavra usada na comunicação, como diz “Fronteiras”, de Tarso de Melo, de *Caderno inquieto*:

acostumado a trazer por dentro a trincheira
a desfilas pelas tormentas, sapatear em campos
minados, o poema planta sua casa no fogo

(2012, 33)

E, em “Azul”, assim critica nossos tempos sombrios:

estranho, percebo, nossos dias
tempo de fingir que não, que sim

tempo de cadeados em latas de lixo
lanças nos muros, nas praças, nas bocas

bombas lacrimogêneas, gritos, despejos
tempo de grades na alma e nas janelas

(p. 38)

E a força política aparece também em “De escárnio e mal dizer”, de Carlos Ávila, em *Área de risco*, questionando o mundo do espetáculo e do dinheiro.

pululam
analfabetos
a vida
em vídeo
[...]
valores?
(ávida dollars)
preferem o econômico

as burras
dos burros
cheias:
ouro podre

(2012, 99)

Para Hannah Arendt, a política não é força nem poder, mas está ligada à liberdade. Para a pergunta sobre o que é a política, a resposta seria: o sentido da política é a liberdade. E diz ainda que essa resposta não é óbvia:

A pergunta atual surge a partir de experiências bem reais que se teve com a política, ela se inflama com a desgraça que a política causou em nosso século e na maior desgraça que ameaça resultar delas. Por conseguinte, a pergunta é muito mais radical, muito mais agressiva, muito mais desesperada: tem a política algum sentido ainda? (2007, 38).

Por isso também faz sentido a pergunta hoje: para que poetas ainda?

As palavras da poesia, que vão contra o senso comum e se articulam de forma livre, fora dos nexos habituais da língua, são políticas. Como em “Inóspitos”, de Tarso de Melo, em *Íntimo desabrigo*:

é preciso
exercitar
e desadestrar
continuamente
os ouvidos
para sacar
dos versos
sua sinfonia
insólita
nada óbvia
de mil vozes
discordes

(2017, 46)

É a liberdade de desfazer que torna a poesia política:

dizem que os deuses fazem tudo
um deus que desfizesse
talvez tivesse hoje a minha fé

(p. 9)

E o poema em prosa “Onde” interroga sobre o lugar da poesia:

(onde deveria estar, onde sempre se achou que estivesse,
onde seria justo estar, onde parecia óbvio que estaria, onde

faz uma falta tremenda, onde os inimigos a procuram, onde os amantes imaginam que a prenderam, onde os indiferentes pensam que estaria, onde os professores fingem que está, onde os críticos não ligam que esteja, onde os cantores a perderam, onde os poetas não fazem ideia – é sempre no avesso desses sítios improváveis que algo a ser chamado de poesia comparece?)

(p. 19)

O poema em prosa é interessante aqui, pois, como fragmento, propõe uma reflexão a meio caminho entre o poema e o ensaio, avança no pensamento sem resposta, no pensamento intranquilo, característico do ensaio, que, desde Montaigne, não tem respostas últimas às questões que propõe. Em *Arte da pequena reflexão* (2014), Fernando Paixão reflete sobre o poema em prosa como um gênero que tem uma história recente e que propõe um alto grau de experimentação.

A crítica social continua em “Dia nulo”, na relação fônica entre astros e desastre:

(O sol já golpeou o frio da madrugada
Daí em diante, se há algo a contemplar,
não é da ordem dos astros. É desastre)

(Melo: 2017, 15)

E culmina com um poema-denúncia do preconceito e da injustiça social, “Toda sentença é um antipoema” (pp. 79-93), com uma sentença jurídica, que vem entre aspas como um antipoema, pois tem a ver com a lei e a violência, o poder e a força, no sentido

oposto à liberdade. São catorze páginas em que a torção da sentença em poema faz irromper o absurdo da realidade instituída pela lei.

o ministério público ofereceu denúncia
contra rafael braga vieira
pelos seguintes comportamentos ilícitos
descritos na denúncia, a saber:

O réu é acusado de tráfico de drogas na periferia e o antipoema, depois das tantas páginas, chega ao fim como a sentença, que, sumariamente, assim termina:

após o trânsito em julgado
lance-se o nome do réu no rol dos culpados.

O poema é, ele todo, a denúncia da violência da sentença e do julgamento.

Mas, em “Estilhaços”, mostra-se como o poema pode imaginar um mundo outro, pois “poesia” rima com “desvia”:

– a gente, eu sei, não dizia, porque a poesia
teima em ser e querer muito, quer ser hoje
o mundo em que amanhã andarás Cecília,
guardar as viagens no papel e dele sacar
o tempo de paz em que tudo será antimercadoria,
e quem sabe a mochila que pesa mais e menos
que todas, que leva tudo e a todo canto leva,
que estrangeira se entranha e desvia

Outra poeta, menos conhecida, Taís Guimarães, com seu livro *Jogo de facas* (2016), lembra João Cabral com sua faca só lâmina e corta com liberdade as palavras de suas relações habituais, criando situações instáveis e inquietantes, como diz o poema da quarta capa:

afiar
na frequência do silêncio
a vida como pretexto

a cada faca atirada
(excesso de pensamento)
o coração desarmado
é atirador cego
mirando o ermo
que não se acerta
sob cálculo do erro

Estes versos são parte do poema que abre o livro e tem o título de “Atirador de facas”. Não seria o poeta esse atirador?

E fala, com dois poemas, de duas mulheres que foram radicais e trágicas em suas poéticas: a americana Sylvia Plath e a argentina Alfonsina Storni.

No poema “Pane” se delineia esse outro caminho, fora dos trilhos, dos limites demarcados, em liberdade, mas com riscos.

à deriva
nem mar ou céu
por onde começar

caminho nas vagas
nas sombras
dos objetos

(p. 33)

Como diz também em “Tudo acontece”, é a partir de um lugar intranquilo, de um lugar de instabilidade, que a poesia acontece.

simulação de segurança
sem cinto de proteção

no solo do céu
plantação de ventos
tudo acontece – danos
avarias por um relâmpago
na ausência de chão
viajo na turbulência
grão perdido no nada
não estou no comando

(p. 31)

Em “Passagem”, o sujeito refaz o mundo, a representação:

e tudo o que olho
submerge
se dilui

(p. 29)

O livro se divide em quatro partes: *planos de corte*, *linhas de incisão*, *prova de corte* e *pontos de sutura*. E termina com o poema “Linha de força”, em que aparece, como força formadora, o amor:

um imã une
sul e norte

talismã
de liga forte

amor funde
céu e inferno

amor forja mais
que ferro

mais que faca
de uso interno

(p. 109)

Esse sujeito, que, em seu desassossego, corta e dissolve as representações habituais, pode dar novas configurações ao real pelo amor.

Esses poetas contemporâneos afiam a poesia para recortar o mundo de outra forma. Pelo pensamento, a reflexão, que, segundo os românticos alemães, toda obra contém em seu núcleo e cabe à crítica desenvolver, têm a liberdade de se opor ao que existe e propor outras possibilidades de mundo. Um deles é poeta e ensaísta, poeta-crítico, com o livro *Poesia pensada* (2004), em que reflete em

pequenos ensaios sobre a condição da poesia hoje, em que a palavra se banalizou. A poesia é cada vez mais escrita para uma minoria. Sua continuidade dependerá da visão crítica dos poetas sobre o mundo em que estarão vivendo.

Carlos Ávila se pergunta sobre a relação entre poesia e pensamento no poema “Perder”, de *Área de risco*:

perder tempo
segundos
minutos
horas a fio
desfiando
o nada

perder
– por exemplo –
pensamentos

pode ser
poesia?

(2012, 49)

Para Badiou (1992), além da poesia ser sempre um lugar de pensamento, haveria uma idade dos poetas, que iria desde a Comuna de Paris até depois da II Guerra Mundial, de Rimbaud a Celan, em que a filosofia se paralisou, ligada ao positivismo, à doutrina do progresso. Nessas condições, o poema pode assumir, no pensamento, estratégias e operações deixadas vagas pela filosofia, isto é, pode pensar o que ela não tinha mais condições de fazer.

Não se trata aqui de uma reflexão consciente submetida ao cogito. São, como diz Badiou, chamas máximas de pensamento, pontos nodais do poema, onde o pensamento que ele é se indica ele mesmo como reflexão do pensamento em geral. Começaria com Rimbaud afirmando, na famosa carta a Georges Izambard, datada de 13 de maio de 1871: “C’est faux de dire: Je pense. On devrait dire: On me pense”. E voltamos a Pringent:

Não há poesia, a meu ver, sem que esse inominável *algo* seja atribuído como objetivo do trabalho poético. Não há poesia, isto é, nenhuma travessia da opacidade das línguas, nenhuma força de protesto contra a subordinação aos nomes, nenhum desafio à potência dos ídolos. Em suma, nenhum tremor vivo na concatenação das palavras, das representações, dos discursos, sem que o *algo* passe, atravesse, lance sua força desfiguradora – sem que esse nada-de-nomeável aspire para si a exigência de falar e, portanto, de ser outro, de outro modo, infixado (2017, 37).

É desse lugar intranquilo que nossos três poetas contemporâneos também falam.

Referências

- ARENDDT, Hannah. *O que é política?* Tradução de Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- ÁVILA, Carlos. *Poesia pensada*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.
- _____. *Área de risco*. Belo Horizonte: Lume, 2012.
- _____. *Anexo de ecos*. Belo Horizonte: Poliedro, 2017.
- BADIOU, Alain. “L’Âge des poètes”. In: RANCIÈRE, Jacques (org.). *La Politique des poètes*. Paris: Albin Michel, 1992.
- FRÓES, Leonardo. *Vertigem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- GUIMARÃES, Taís. *Jogo de facas*. Belo Horizonte: Quixote, 2016.
- MELO, Tarso de. *Caderno inquieto*. São Paulo: Dobra, 2012.
- _____. *Íntimo desabrigo*. São Paulo: Alpharrabio, 2017.
- PAIXÃO, Fernando. *Arte da pequena reflexão*. São Paulo: Iluminuras, 2014.
- PRIGENT, Christian. *Para que poetas ainda?* Tradução de Inês Oseki-Depré e Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2017.
- VALÈRY, Paul. “Poesia e pensamento abstrato”. In: _____. *Variedades*. Organização de João Alexandre Barbosa. Tradução de Maíza Martins de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 1999, pp. 193-210.

Resumo

O texto vê a poesia de três poetas contemporâneos: Tarso de Melo, Carlos Ávila e Taís Guimarães, a partir da relação do poema com o pensamento e a política. Desenvolve a reflexão de Prigent sobre a inquietude da palavra na poesia, que subverte a palavra comum da comunicação, dissolvendo as representações habituais. E retoma Hannah Arendt, que pensa a política ligada à liberdade. Com isso, pode-se ver uma política do poema, quando este se liberta do senso comum.

Palavras-chave: poesia brasileira contemporânea; reflexão; crítica social; liberdade.

Abstract

The text examines poems of three contemporary poets, considering the relation of the poem with thought and politics. It develops the ideas of Prigent about the intranquility of the word in poetry, which subverts the common word used in communication and dissolves habitual representation. It brings Hannah Arendt, who sees politics connected to freedom. So one can see the politics of poetry when it frees itself from common sense.

Keywords: contemporary Brazilian poetry; reflection; social criticism; freedom.